



Por uma cultura de paz

133. RedeUnaViva: Meditação Cristã 133 – paragem 313 – 02.04.2017

JOÃO 7:37-44

O CRISTO COMO FONTE DA ÁGUA VIVA

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Por que é o Cristo a fonte que dessedenta?
2. Como entender a discussão sobre o Messias que prevalecia entre o povo?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como crer para de dentro de mim jorrar torrentes de água viva?

133.1 Introdução: No Final da Festa dos Tabernáculos.

O capítulo sete do Evangelho de João, que ora estudamos, comporta divisão em 7 partes: 1) **Jo 7:1-9** – conversando com os irmãos que o estimulam a subir até Jerusalém para a Festa dos Tabernáculos, Jesus se recusa participar da celebração, embora alguns dias depois ele se põe a caminho, em pequena comitiva. 2) **Jo 7:10** – vai à Festa, em oculto. 3) **Jo 7:11-13** – o ambiente em Jerusalém divide-se entre os que o condenam e os que o apoiam. 4) **Jo 7:14-24** – pelo entusiasmo do público que escuta seu primeiro discurso, omitido por João, ele explicita, numa segunda fala, a fonte do seu conhecimento e aproveita para fazer sua autodefesa antecipada. Baseia-se na contradição dos fariseus por não praticarem a lei de Deus. 5) **Jo 7:25-36** – emplaca o terceiro discurso para esclarecer a sua origem, contando não ser a personalidade Jesus de Nazaré, mas o Cristo de Deus. Aponta o caminho para que esta condição seja alcançada por todos. Estes três discursos acontecem de uma só vez, no Templo, com a Festa dos Tabernáculos em andamento. 6) **Jo 7:37-44** – no final da Festa, ele brinda a plateia com uma quarta oração, se apresentando como Água Viva. Desperta nova discussão sobre ser ou não ser ele o Messias. Este será o nosso estudo atual. 7) **Jo 7:45-53** – será abordada na próxima semana. Explicita a intenção frustrada dos principais sacerdotes de encarcerar-lo porque os funcionários do sinédrio não conseguirão prendê-lo.



Por uma cultura de paz

No encerramento da Festa, no Templo, depois de observar por um tempo o movimento dos fiéis, ele se levanta tal como levanta o volume da sua voz e inicia o quarto discurso. Neste último dia, fala do Espírito, usando a água como símbolo, a mesma água viva já usada com a samaritana, no Poço de Jacó. Desta vez, João se detém a explicar o significado da água viva, oferecendo, inclusive, o significado da sua relação com a ressurreição. Somente após este notável marco, a presença deste Espírito viria a inundar o seio da comunidade cristã.

Analisemos estes oito versículos para melhor entender a mensagem dos Tabernáculos.

133.2 Evangelho-parte 1: Jesus como a água viva. (Jo)

João 7:37-39
37. No último dia da festa, levantou-se Jesus e gritou, dizendo: "Se alguém tiver sede, venha a mim e beba.
38. Quem crê em mim, como disse a Escritura, de seu âmago jorrarão torrentes de água viva".
39. Disse isso a respeito do Espírito, do qual estavam para receber os que nele criam; pois não havia ainda Espírito, porque Jesus ainda não fora transubstanciado.

1. No último dia da festa, Jesus, no Templo, levantou-se e gritou: "se alguém tiver sede, venha a mim e beba".
2. Quem crê em mim, como diz a Escritura, de seu âmago jorrarão torrentes de água viva".
3. João explica: "sua fala diz respeito ao Espírito, que todos que nele criam estavam para receber. Não havia ainda Espírito, porque Jesus não fora transubstanciado pela ressurreição".

133.3 Evangelho-parte 2: Multidão dividida sobre estar diante do Cristo. (Jo)

João 7:40-43
40. Então, muitos dentre a multidão, tendo ouvido esse ensino, diziam: "Esse homem é realmente o profeta".
41. Outros diziam: "Este é o Cristo"; outros porém perguntavam: "porventura da Galileia é que vem o Cristo?"
42. Não diz a Escritura que O Cristo vem da semente de David e de Belém, a aldeia donde era David"?
43. Surgiu, então, uma discussão entre o povo a seu respeito.



Por uma cultura de paz

4. Muitos da multidão, após ouvir este ensino, diziam: “esse homem é realmente profeta”.
5. Mas outros iam mais: “este é o Cristo”.
6. Outros questionavam: “mas não é da Galileia que vem o Cristo”?
7. “Não diz a Escritura que o Cristo vem da semente de David, isto é, de Belém, da aldeia de onde veio David?”
8. Nova discussão sobre Jesus surgiu entre o povo.

133.4 Evangelho-parte 3: Jesus segue livre. (Jo)

João 7:44

44. Alguns deles queriam prendê-lo, mas ninguém pôs as mãos sobre ele.

9. Não obstante haver a intenção de prendê-lo, ninguém conseguia pôr as mãos nele.

133.5 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Por que é o Cristo a fonte que dessedenta?

Não chegou Jesus para a abertura da Festa dos Tabernáculos, mas quando esta já ia ao meio. Ali, no Templo, entreteve-se conversa com o povo para o seu esclarecimento espiritual, assim como alertou os serviais dos sacerdotes principais sobre o equívoco da intenção prendê-lo e mata-lo. Deixou decorrer naturalmente a celebração para, no último dia, retornar à Casa de Deus e proferir discurso ímpar. Ficou-nos duas frases; o suficiente.

Seu conteúdo já fora expresso no reservado diálogo com a mulher de Samaria – João é o mesmo evangelista a narrar os dois episódios (Jo 4:4-26; Jo 7:37-39). Precisava o Mestre repeti-lo para o grande público. De outra feita o expusera, em roupagem diferente, para uma plateia. Refiro-me ao Pão Vivo, lição ensinada após a multiplicação dos pães. João pretende dizer, agora, que ele também se anunciou aos fiéis como a Água Viva. Mais não narra para nos poupar da repetição de conteúdo já discorrido durante a tertúlia com a samaritana.

Em algum momento, no último dia da Festa, ele se levanta e em bom tom anuncia: “se alguém tiver sede, venha a mim e beba”. Singela frase a revelar o quanto, de proteção e amparo absolutos, está sendo oferecido. Já sugerira, em outra ocasião, que o comêssemos, porque, sendo o Pão da vida imanente, sua ingestão é para nós radical. Sacia nossa fome, em definitivo. Reparemos a similitude do dito à samaritana: “todo o que bebe desta [sua] água, tornará a ter sede. Mas quem beber da água que eu lhe der, não terá mais sede no futuro; **a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte**



Por uma cultura de paz

de água que mana para a vida imanente". E agora, no Templo: "quem crê em mim, como disse a Escritura, **de seu âmago jorrarão torrentes de água viva**". Nos dois momentos, ele afirma, **que quem o procura com fé passa a ser a própria fonte da sagrada água**. Houve outro ensino parecido em tempo intermediário, entre aquele particular da aldeia e o da atualidade. Assim falou para o grupo de seguidores, em Cafarnaum: "eu sou o Pão da Vida; o que vem a mim, de modo algum terá fome, e o que confia em mim nunca jamais terá sede" – também narrado por João (Jo 6:35).

Neste, do Tabernáculos, o evangelista destaca apenas duas novidades: 1) enfatiza o Cristo que esta lição faz parte das Escrituras; 2) que esta Água é o Espírito – com segurança, se pode acrescentar, "como o Pão também o é". Adiciona-se mais um elemento e tem-se três preciosos símbolos do Cristo: água, pão e vinho. Sendo que sua primeira demonstração, nas Bodas de Caná, foi a de transformar a água em vinho.

O complemento de informação de João é o da fé. Ir até o Cristo com fé. "**Quem crê em mim**, do seu âmago jorrará torrentes de água viva" e "eu sou o Pão da Vida; **o que vem a mim**, de modo algum terá fome, e **o que confia em mim** nunca jamais terá sede". Aquele que assim se movimenta receberá este Espírito. Há um condicionante. Tal iniciação, para se efetivar, precisa da chegada de um episódio singular, a ressurreição. Primeiro, é preciso descobrir o significado de se movimentar – seja pensando, falando, agindo ou orando – com fé, na direção do Cristo. O que é isto? Segundo, este Espírito Sagrado, que se manifestou no batismo de água de Jesus, iria se prontificar para a célula cristã, como batismo de fogo. Uma grande alquimia estava se operando no planeta. As cenas materializadas por Jesus – de ensino, cura e transcendência – estavam moldando as condições para o grande batismo dos humanos. O grupo dos apóstolos estava formado, mas ainda sem autonomia para realizar sua grande missão de evangelização da Terra. Para que adquirisse tal condição duas mortes seriam necessárias. Mortes com renascimento.

Primeiro, a suposta morte de Jesus, ou seja, do seu instrumento físico. Morte seguida da ressurreição. A segunda morte, diz respeito aos discípulos. Com a morte *infame* na cruz, continuar seguidor, apóstolo de Jesus, era assumir filiação a uma empresa falida. Quem o faria? Inclusive com o risco ter destino semelhante. Aquele nazareno não mais podia ser configurado como o Messias, dada a demonstração de sua fraqueza – muitos assim pensaram. Então, se parecia que o Messias morrera com Jesus, a seguida morte dos apóstolos parecia indubitável. Depois do trágico desfecho só lhes restava retornar à Galileia e se desligarem daquele sonho extravagante. No entanto, dois episódios mudariam radicalmente o cenário desolador. A ressurreição do Cristo e o sopro especial insuflado em cada apóstolo no Dia de Pentecostes, conforme narrado em Atos dos Apóstolos. Como grandiosa teofania provocou o renascimento dos apóstolos e o nascimento da célula cristã. O Espírito do Cristo passou a habitar cada um deles e todo o núcleo. Por este batismo de fogo, os apóstolos passaram a pregar em línguas estrangeiras e desconhecidas. Pedro, com seu corajoso sermão seminal,



Por uma cultura de paz

confrontou enorme público judeu e conquistou milhares de pessoas que aderiram à comunidade, pelo ato da comunhão.

Os três fatos – a crucificação, a ressurreição e o Pentecostes – foram fortes o suficiente para produzir intenso abalo emocional nos apóstolos, permitindo que especial cirurgia fluídica os tornasse médiuns potentes. Estavam, pois, *possuídos* pelo Espírito crístico.

2. Como entender a discussão sobre o Messias que prevalecia entre o povo?

Terminado a oratória da Água Viva, resumida neste capítulo sete de João, o povo de novo se encanta. Ou este homem é um profeta ou é o próprio Messias. A onda contagiante de consolação, esclarecimento e promessas é forte demais para que se configure ele como pessoa mortal, comum. Esta reação é também pungente. Mas há os do contra. Vem os argumentos sectários ou apegados à letra. “Não deveria o Messias vir da linhagem de David e, portanto, ser natural de Belém, aldeia do rei-poeta”? Pela força deste raciocínio no meio religioso, é que Lucas se lança na aventura de criar o nascimento de Jesus em Belém. A prática da narrativa, própria da época, permitia este expediente. O historiador precisava mais justificar a correlação lógica dos eventos do que ser fiel, em absoluto, a realidade dos fatos. Era tão certo de que Jesus era o Messias, que não haveria problema algum historiar uma natividade em Belém. Somente ajudaria para que o fim fosse alcançado. De certa forma prevalece ainda na atualidade o mesmo princípio, coadunando prática com ideologia – o fim justifica os meios.

Repete-se a discussão já operada no meio da Festa dos Tabernáculos. Quiseram saber se a origem galileia de Jesus comprometia a suposta condição de Messias. Mais expressivamente, pontuam: “não é de Belém que deve vir o Messias”?

João nos mostra como o tema do messianismo palpitou no coração dos fiéis, em Jerusalém, nesta efeméride. Jesus já dera a sua resposta e já deixara sua portentosa lição da Água Viva. Dera mais um passo ao associá-la com a sua morte e ressurreição. No futuro próximo, tal conteúdo haveria de ser resgatado pelos discípulos. Então, soara o momento de sua retirada do Templo.

Assim o faz. Veremos no final deste capítulo de João, a ser analisado na próxima semana, a reação dos principais sacerdotes por não conseguirem prendê-lo. Como já dito, sua hora, apesar de próxima, ainda não chegara.

133.6 Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como crer para de dentro de mim jorrar torrentes de água viva?



Por uma cultura de paz

Já tive sede e ainda tenho. Já tive muita sede e muito ainda a tenho. Venho procurando nos últimos tempos me certificar daquelas que posso dispensar pois, na verdade, pedem por água contaminada, por líquidos poluídos e até bebidas atordoantes. Tenho medo, porque seu gérmen mora em mim. Tenho receio de que em ocasiões mais problemáticas estas sedes evitáveis preponderem, me imprimindo movimentos errantes ou, quiçá, corridas compulsivas.

Esta indigência é minha, e preciso de vigilância sensata e de decisão resoluta para não recair em impressões ilusórias sobre o que me falta. Seria lástima tamanha. Quero fortalecer a cada dia minha vontade consciente, calcada na certeza convicta de que este encontro contigo, Mestre da Vida, é definitivo.

Falta-me algo, porque se digo “creio em ti, Senhor”, eu deveria verificar abundante fonte jorrando de mim, conforme tua lição de agora afirma. Se não jorra, decorre de minha insuficiente fé, já que de tuas palavras não duvido. Falta-me o que, Amigo Divino? Vigor na fé, algo assim. Como alcança-lo?

Perscruto teu sussurro lúcido e firme: “a cada dia te é dado não atribulações, mas testes; não adversidades, mas provas”. Sim, te escuto, compreendo e concordo. E tu insistes: “a mudança do cenário do teu cotidiano depende da perspectiva com que encaras o lugar, a função e os círculos de relação de que participas. Recebidos como desafios e não como problemas, a dor diminui, o fardo arrefece, o jugo suaviza. A emoção que adicionas à vontade de realizar o que te cabe, àquilo que a vida te solicita, faz toda a diferença. Não encararás com resmungos ou pesares, mas com aceitação. Estou aquilatando a intensidade da tua vontade para a usufruir da vida imanente. Não porque lhe impus tal castigo e tampouco, prova. Ela é tua, proposta pelas leis do Pai, através do diálogo inerente das tuas obras passadas com as normas da vida. É teu carma, oferecendo-te de bom grado o caminho para Deus”.

Prossegue o Mestre: “tua crença em mim, real, pode ser agora, no único momento em que Deus se faz presente – agora. Mas terá que ser repetida e continuamente assumida em todos os instantes, que são também feitos de agora, independente do conteúdo que eles tragam, independente das injunções logradas. Fazes isso e viverás. A fonte tímida que já jorra é sem limite, venha aos pingos ou aos borbotões. Quem abre sua foz é tua fé, sentida, pensada ou exercida, expressa em palavras ou obras”.

O sussurro elucidativo desvaneceu-se em silêncio fértil, jorrado em água viva nutridora.

Louvado seja Deus!



Por uma cultura de paz

133.7 Versículo(s) para a meditação: João 7:37-38.

37. No último dia da festa, levantou-se Jesus e gritou, dizendo: "Se alguém tiver sede, venha a mim e beba.

38. Quem crê em mim, como disse a Escritura, de seu âmago jorrarão torrentes de água viva".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 134 – paragem 314 – 09.04.17

JOÃO 7:45-53; 8:1.

